

INTRODUÇÃO

Essa reflexão é fundamentalmente baseada na minha vivência como professora pré-escolar na Escola Experimental Vera Cruz, em São Paulo.

PRÉ-ESCOLA: QUE PERÍODO É ESSE?

Trata-se de uma fase fundamental no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança (e, conseqüentemente, na vida do indivíduo de uma forma geral), que, não obstante, é freqüentemente encarada como um período apenas preparatório para a escola "de verdade" ou para o que de realmente importante está por vir.

Desta forma, é muito comum a desvalorização do profissional que trabalha com as crianças desta faixa etária, generalizando-se a idéia de que se trata mais de uma relação afetiva entre a "tia" e a criança, do que uma relação profissional. (Não estou aqui de maneira nenhuma querendo retirar o "afetivo" de cena, mas a relação que eu estabeleço com o meu trabalho é profissional. Sou professora e não "tia". Trabalho numa escola e não numa *escolinha*).

A verdade é que, enquanto nós, profissionais que trabalhamos com crianças na faixa de três a seis anos, não acreditarmos profundamente na importância do nosso trabalho para o hoje dessas crianças, esta desvalorização generalizada e esta mistura de papéis continuarão a existir.

* Prof^a da Escola Experimental Vera Cruz.

CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA E A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO EM EQUIPE

Partindo-se da crença na importância dessa criança de três a seis anos, *hoje*, o passo seguinte será a sua caracterização.

- Quem é ela?
- Como pensa?
- Como dimensiona o tempo?
- Como dimensiona o espaço?
- Como enxerga o mundo à sua volta?
- Como percebe as diferenças entre a escola e a sua casa?
- Como expressa essas constatações?
- Como expressa o seu mundo interior?
- Como interage em grupo?
- É bom para ela ser solicitada a ficar sozinha em alguns momentos de trabalho?

Conforme estas questões vão sendo levantadas, torna-se imperativa a troca entre as pessoas que estão desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho.

Nesses momentos de troca e reflexão, é que a equipe se aproxima do objeto centralizador do trabalho - a criança - e os objetivos, metas, rumos e linhas por onde este trabalho será conduzido começam a tomar corpo.

Antes de se conhecer a criança, não há sentido de se falarem objetivos; antes de se aferir as descobertas pessoais de cada um com o resto da equipe, buscando apoio nas linhas teóricas que melhor se adequem àquela prática específica, não podemos pensar recursos.

O professor tem como papel principal, ser o mediador entre a criança e o objeto do seu conhecimento. A ele cabe a tarefa de lançar a pergunta à qual a criança ainda não foi exposta; instigar sua curiosidade das mais diferentes maneiras; definir uma ação pedagógica que vá ao encontro de seu desenvolvimento.

RECURSOS PEDAGÓGICOS

Depois de feita a caracterização da criança e a discussão em equipe para a determinação de metas, *objetivos* e rumos, deparamo-nos com a necessidade de buscarmos os recursos pedagógicos que melhor se adequem à nossa realidade específica.

Em existindo um grupo de crianças e um espaço adequado, isto é, um espaço onde elas possam movimentar-se ou parar, acabamos constatando que o recurso pedagógico mais importante é o professor.

Somos nós que, através do conhecimento a respeito dessas crianças e da clareza com relação aos objetivos que temos em função delas, estaremos transformando qualquer recurso disponível em um ótimo recurso pedagógico.

Do mesmo modo, a recíproca também é verdadeira: de que adianta termos acesso ao melhor material do mundo, se não conhecermos a criança e não tivermos clareza com relação aos nossos objetivos?

Os recursos pedagógicos nunca devem sobrepor-se à busca da própria criança. A pergunta que ela nos faz é que deve nortear nossas escolhas com relação aos recursos.

Se um recurso é significativo para a criança, ele se torna bom; caso contrário, ele vira um massacre.

CONCLUSÃO

É muito importante deixarmos as crianças à vontade, ao agirmos como mediadores entre ela e o objeto do seu conhecimento.

Este "ficar á vontade" é caracterizado pela espontaneidade com que ela vai estar agindo dentro do processo de construção do seu conhecimento.

Esta espontaneidade (e, às vezes, até uma imprevisibilidade) não nos deve assustar nem nos desencorajar, pois, volto a frisar, se nossos objetivos estiverem claros e se conhecermos esta criança, teremos todas as condições de lidar com as situações que ocorrerem, e estaremos cada vez mais próximos dessa criança, acompanhando com prazer o ato de construção do seu conhecimento, hoje.